

PREFÁCIO

A imersão da técnica na cultura e nos corpos

Moisés de Lemos Martins

Os ensaios que Manuel da Silva Costa e José Pinheiro Neves reuniram nesta obra, como um conjunto de “contribuições para uma nova Sociologia da técnica”, falam-nos da actual vertigem humana de um tempo acentrado, acelerado, de mobilização total (Ernest Jünger), ou nas palavras de Peter Sloterdijk (2000), de “mobilização infinita” para um mercado global, que compreende indivíduos empregáveis, competitivos e *performantes*.

As biotecnologias, do mesmo modo que as tecnologias da informação e da comunicação, têm investido e mobilizado a cultura e o humano. E apesar de os objectos técnicos serem o produto da inventividade humana, a técnica tem-se afastado da ideia instrumental de simples construção humana para causa do próprio homem (Heidegger, 1988).

A ideia de crise do humano tem-se então acentuado, à medida que passamos a falar de vida artificial, de fertilização *in vitro*, de “barrigas de aluguer”, de clonagem, replicantes e *cyborgs*, de adeus ao corpo e à carne, de pós-orgânico e de trans-humano. E também à medida que se desenvolve a interacção humana através do computador, onde os *chats* da Internet, os jogos electrónicos e as novas redes sociais, como o Second Life, o Facebook e o Twitter, por exemplo, instabili-

zam as tradicionais figuras da família e da comunidade, para em permanência as reconfigurar. Acima de tudo, é a completa imersão da técnica na história e nos corpos que tem tornado problemático o humano. E as biotecnologias e a engenharia genética, além do desenvolvimento da cultura ciberespacial, são as expressões maiores desta imersão.

Nestas circunstâncias em que *bios* e *techne* se fundem e em que a própria figura do homem se torna problemática, a palavra como *logos* humano entrou também em crise. O homem deixou de ser o “animal de promessa”, como o definira Nietzsche, porque a sua palavra já não é capaz de prometer. O homem revê-se, hoje, sobretudo, nas figuras que acentuam a sua condição transitória, tacteante, contingente, fragmentária, múltipla, imponderável, nomádica e solitária. A ideia de comunidade implica a confiança, mas o caminho do outro não é doravante uma aposta garantida, dado terem soçobrado a solidariedade, o sentido e a participação, conceitos com os quais a confiança se identifica.

A vertigem da crise e do fim, que nos tem governado nas últimas décadas, anda entretanto associada ao risco, uma vertigem do começo dos tempos modernos, que assinala um traço geral da vida humana. A vertigem do risco veio acrescentar uma dimensão nova à nossa experiência, ao substituir, grosso modo, aquilo que era significado pelo termo latino *fortuna*. O risco indica que as nossas decisões podem ter resultados inesperados, que não são endossáveis à cosmologia, nem exprimem o sentido escondido da Natureza ou as intenções ocultas de Deus, nem resultam do cálculo de uma razão que

seja instância última de decisão. A generalização da vertigem do risco em todos os sectores da experiência – risco tecnológico, ecológico, capital de risco, risco nos investimentos, risco no casamento, no relacionamento íntimo, comportamento de risco – coloca o homem perante os seus limites e impede-o de confiar na vida eterna e nas instituições que lha garantiam.

As vertigens da crise e do risco revelam um mal-estar de civilização, que compreende ameaças, medos e perigos, remetendo para um imaginário de formas melancólicas, que declinam a condição humana na sua ambivalência e desassossego, do mesmo modo que no seu carácter enigmático e labiríntico, e declinam uma vida em desequilíbrio, que não conhece sossego, porque lhe não é dado um fundamento, um território, ou uma identidade estáveis.

O actual imaginário tecnológico conjuga-se, entretanto, com a ideia de temporalidade, particularmente com a ideia de “tempo global”, que é o tempo da “sociedade em rede” (Castells, 2002), o tempo da “economia-mundo” (Wallerstein, 1979), enfim, o tempo da globalização. Este tempo compreende a importância crescente daquilo a que Mário Perniola (1993) chama a “ordem sensológica”. Compreende também a implantação de uma sociedade de “meios sem fins” (Agamben, 1995). E compreende, ainda, a actual cinética do mundo, esse movimento de “mobilização infinita” para o mercado global, que já assinalámos.

As formas do imaginário tecnológico não são dissociáveis, com efeito, daquilo a que Mário Perniola chama a “ordem sensológica”, que se impõe à antiga “ordem ideológica”,

com a sensibilidade e as emoções a levarem a melhor sobre as ideias e com a *bios* a misturar-se com a *techné*, podendo falar-se, hoje, por exemplo, de um “sex-appeal do inorgânico” (Perniola, 2004), num processo acelerado de estetização geral da existência humana, com toda a experiência a constituir-se em “experiência sensível”. Podemos dizer, por outro lado, que as formas do imaginário tecnológico também não são dissociáveis da sociedade de “meios sem fins”, que é a nossa, depois do afundamento das verdades tradicionais, da quebra da confiança histórica e da deslocação civilizacional da palavra para a imagem, ou para o ecrã. “Meios sem fins”, “história sem Gé-nese nem Apocalipse”, uma história presenteísta, ou seja, uma história sem teleologia, uma história que não caminha para um fim, e também uma história que não tem escatologia ou síntese redentora. Finalmente, as formas do imaginário tecnológico exprimem a aceleração da cultura e do humano e a sua mobilização, o que coloca o humano numa crise permanente.

Neste contexto de fusão da *bios* com a *techné*, não podemos, no entanto, deixar de referir o celebrado verso de Hölderlin, convocado no texto de Heidegger (1988: 38) sobre a técnica, “lá onde está o perigo, está também o que salva”, porque é na crise, com efeito, que a humanidade se decide.

Referências bibliográficas

- AGAMBEN, George (1995), *Moyens sans fin. Notes sur la politique*. Paris: Payot & Rivage
- CASTELLS, Manuel (2002), *A sociedade em rede. A era da informação. Economia, sociedade e cultura*, Vol. I, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- HEIDEGGER, Martin (1988) [1954], “La question de la technique”, *Essais et conférences*, Paris: Gallimard, pp. 9-48.
- PERNIOLA, Mario (2004) [1994], *O Sex Appeal do Inorgânico*, Lisboa: Ariadne.
- PERNIOLA, Mario (1993), *Do sentir*, Lisboa: Editorial Presença.
- SLOTERDIJK, Peter (2000), *La mobilisation infinie*, Paris: Christian Bourgeois Ed.
- WALLERSTEIN, Immanuel (1979), *O moderno sistema mundial. A agricultura capitalista e as origens da economia-mundo europeia no século XVI*, Madrid: Século XXI Editores (Três tomos).